

A MORTE SEMPRE NOS ASSOMBRA



A morte sempre nos assombra. Nossa cultura ocidental não nos prepara para ela, ainda que todos os dias, horas e minutos, alguém esteja morrendo.

Perdemos, hoje, José Aldemir de Oliveira, geógrafo, personalidade política que lutou e atuou por uma universidade e uma pesquisa mais democráticas no Estado do Amazonas, como reitor da EUEA, presidente da FAPEAM e como secretário de estado no campo da Ciência e Tecnologia.

Espero que a morte lhe tenha sido leve, como desejou Mario Quintana:

*A morte deveria ser assim:
um céu que pouco a pouco anoitecesse
e a gente nem soubesse que era o fim...*

No campo da pesquisa, José Aldemir deu voz à compreensão das peculiaridades da urbanização na Amazônia, sempre em diálogo com outras vozes, outras interpretações e outras partes do Brasil. Nisso estava sua grande capacidade – a de dialogar que exige ouvir, algo que poucos entre nós sabe fazer. Era um pesquisador acurado, desses que amam a leitura e o aprendizado, mas sobretudo sensível, porque sabia que, na razão, nunca encontramos toda explicação: tinha convicção que era preciso trabalhar com múltiplas sensibilidades e essa convicção tornava-se ação.

Quantos de nós conhecemos pequenos vilarejos na Amazônia guiados por ele? A quantos brasileiros e estrangeiros recebeu para mostrar seus territórios urbanos – da grande metrópole Manaus ao Careiro da Várzea? Quantos alunos guiou a pé, de barco

e de ônibus para ensinar que é preciso aprender pelos livros, pelos pés, pela visão, pelo ouvido, pelo olfato...?

Sua ética como pesquisador e, sobretudo, no trato com o que é público impressionava, num período da história em que ser ético quase ficou fora de moda. Tinha grande capacidade para redigir, seus textos são cultos e singelos, capazes de traduzir singularidades e, ao mesmo tempo, universalidades, porque ele nunca escolheu ser apenas um amazonense, nem se deixou levar pelos regionalismos que nos separam muitas vezes

Em todas as vezes que participou dos workshops da *Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias*, sua presença elevou os debates, colocou pontos de vista a partir dos quais não tínhamos ainda pensado. Dividir uma mesa com ele não era apenas compartilhar uma boa refeição ou um bom copo de vinho, mas aprender, ouvindo alguém que tinha fala mansa, mas firme.

Tenho certeza de que, de algum modo, por meio de sua família, seus amigos, seus alunos, seus textos... ele permanecerá como expressa a *Poética* de Vinicius de Moraes:

Outros que contem

Passo por passo

Eu morro ontem

Nasço amanhã:

Ando onde há espaço

Meu tempo é quando.

Maria Encarnação Beltrão Sposito

22 de novembro de 2019